

A IMPORTÂNCIA DO DISCIPULADO NO CONTEXTO FAMILIAR NA FORMAÇÃO DA FÉ

Renato da Costa Bastos⁴³

RESUMO

A família possui um papel fundamental de transmitir valores e crenças, principalmente a partir do papel dos pais. A finalidade desse artigo é analisar a importância do discipulado no contexto familiar e como os pais influenciam a formação da fé de seus filhos. É notório neste tempo observar que as famílias têm negligenciado o seu papel formacional, tanto na educação quanto na transmissão da fé e dos valores morais, muitas vezes terceirizando os mesmos às escolas, faculdades e igrejas. Nesse sentido, compete responder à pergunta: qual é a importância do discipulado dos pais na formação da fé de seus filhos? A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, objetivando compreender o papel do discipulado na formação da fé no contexto familiar.

Palavras-chave: Discipulado; Família; Fé.

INTRODUÇÃO

O propósito do presente artigo é responder à seguinte pergunta-norteadora: qual é a importância do discipulado dos pais na formação da fé de seus filhos? Trabalha-se a partir de uma pesquisa bibliográfica como metodologia, a fim de apresentar argumentos que evidenciem a importância do discipulado na formação da fé no contexto familiar. Parte-se da hipótese de que em muitas famílias, os filhos não permanecem na mesma fé de seus pais.

Ao olhar para as novas gerações, percebe-se que existe um distanciamento das tradições familiares, que são demarcadas por novas formas de ver a realidade e de se comportar diante de um mundo globalizado e, agora, digital. Entende-se que a existência de posicionamentos e novas formas de se relacionar estão surgindo, e por consequência, as gerações estão se distanciando e enfrentando dificuldades para se comunicar; perde-se então algo valioso: os relacionamentos intergeracionais, incluindo o contexto familiar e que tem apresentado um problema, quando se discute a continuidade das gerações nas tradições religiosas, mais especificamente, na evangélica de cunho protestante histórico.

⁴³ Graduado em Psicologia e Teologia, Aluno do Mestrado Profissional em Teologia na FABAPAR. Brasil. E-mail: renatobastos91@hotmail.com.

Camboim e Rique (2010, p. 260) realizaram uma pesquisa em 2010 com 124 adolescentes e 63 jovens adultos, sobre espiritualidade e religiosidade, e identificaram um dado interessante: apesar dos adolescentes ainda reproduzirem as tradições religiosas da família, quando chegam a juventude, deixam de lado essas tradições e se consideram não religiosos.

Tratando agora mais especificamente dos adolescentes, verificou-se que estes apresentaram maior afiliação religiosa, maior prática religiosa, maior religiosidade e menor espiritualidade comparados aos jovens adultos. apesar de estarem numa fase de ampliação do seu universo social, permanecem com a religião dos pais, são mais ligados a uma instituição religiosa, possuem um sentimento religioso mais intenso e mais dependente de uma mediação institucional do que os jovens adultos. Por outro lado, os jovens adultos, diferentemente dos adolescentes, dividiram-se, em sua maioria, entre católicos e os que declararam não ter religião. [...] Os jovens adultos praticam menos sua religião, são menos religiosos e apresentam maior espiritualidade do que os adolescentes. Esses resultados mostram que os jovens adultos mantêm um afastamento das instituições religiosas, porém conservando uma relação espiritual mais pessoal, mais direta com o transcendente, desatrelada de religião (Camboim e Rique, 2010, p. 260).

Segundo a pesquisa da LifeWay Research (2019), 66% dos jovens deixaram de frequentar a igreja por pelo menos um ano entre 18 e 22 anos, afirmando que a maioria dos motivos para tal sejam as mudanças em suas prioridades e hábitos. Como por exemplo, o ato de frequentar dominicalmente à Igreja e de não considerar as tradições religiosas como pertencentes à sua vida. Com isso, as práticas religiosas vão perdendo gradualmente a prioridade e as demandas pessoais, advindas dos estudos, se tornam a sua prioridade ou até um meio de justificar a sua não adesão às práticas religiosas.

Outra pesquisa do Instituto Barna (2020), diz que a pandemia provocada pelo SARS CoV 2, denominado Coronavírus, poderia resultar na perda da fé de considerável parte da geração mais jovem, “a pandemia pode impactar a perda de fé nos cristãos de 18 a 29 anos”. A pesquisa destaca que entre os adultos de 18 a 29 anos que foram criados como cristãos, apenas 10% deles são considerados discípulos ideais ou "resilientes". Cerca de 22% não são mais cristãos e 30% são classificados como "nômades", porque ainda acreditam em Deus, mas não estão conectados a uma igreja. Outros 38% são considerados "frequentadores habituais da igreja", mas têm laços frouxos com Deus.

É importante destacar e perceber que 22% dos jovens criados por pais crentes, simplesmente não frequentam mais a igreja e não mantêm as tradições religiosas da

família; e afirmam não se identificarem mais como cristãos. Ainda, observou-se que apenas 10% se identificam como discípulos resilientes de Jesus, porcentagem extremamente baixa, evidenciando um problema: os pais não estão influenciando a formação espiritual de seus filhos.

Ao analisar esses dados, é possível perceber claramente um problema: adolescentes e jovens estão abandonando a fé e deixando de lado suas tradições religiosas. A partir desta realidade, busca-se analisar como os textos bíblicos direcionam para a transmissão da fé através das gerações, e como o discipulado de Jesus, pode ser uma ferramenta para a formação da fé no contexto familiar, quando aplicado pelos pais na formação espiritual de seus filhos.

1. A TRANSMISSÃO DA FÉ A PARTIR DE UMA PERSPETIVA BÍBLICA

A Bíblia apresenta algumas orientações e ensinamentos de como a fé era transmitida de geração em geração, mesmo se tratando de uma tradição predominantemente oral no Antigo Testamento. Vale destacar que apesar das pesquisas demonstradas anteriormente, seus dados informam sobre um período recente, pouco mais de quinze anos, e evidenciam a descontinuidade da transmissão da fé. Fato que também é observado no livro de Juízes 2, versículos 7 ao 10:

O povo prestou culto ao Senhor durante toda a vida de Josué e dos líderes que continuaram vivos depois de Josué e que tinham visto todos os grandes feitos que o Senhor realizara em favor de Israel. Josué, filho de Num, servo do Senhor, morreu com a idade de cento e dez anos. Foi sepultado na terra de sua herança, em Timnate-Heres, nos montes de Efraim, ao norte do monte Gaás. Depois que toda aquela geração foi reunida a seus antepassados, surgiu uma nova geração que não conhecia o Senhor e o que ele havia feito por Israel (Jz 2.7-10).

Quando se analisa esse texto bíblico, percebe-se que apesar do grande líder Josué influenciar todo a sua geração, compartilhando das grandes obras do Senhor, quando veio a geração seguinte, essa não conhecia mais a Deus e não sabia o que o Senhor havia feito por Israel.

Moody (2017, p. 13) afirma que “a nova geração após a geração de Josué, se esqueceu das misericórdias do Senhor e abandonou a Lei de Deus”. A lei de Deus estava baseada essencialmente no amor ao Senhor e em tê-lo como único Deus. Em Deuteronômio 6.1-9, lê-se sobre a instrução clara dada por Moisés ao povo, em que

eles são chamados a ter a Deus como único Senhor e que isso deveria ser passado aos filhos com persistência:

Ouça, ó Israel: O Senhor, o nosso Deus, é o único Senhor. Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças. Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração. Ensine-as com persistência a seus filhos. Converse sobre elas quando estiver sentado em casa, quando estiver andando pelo caminho, quando se deitar e quando se levantar (Dt 6.4-7).

Pode-se deduzir, então, que o cerne do problema está na transmissão dos feitos grandiosos do Senhor e, conseqüentemente, na convicção do Senhor como único Deus. Tanto no tempo de Josué, como nos tempos atuais, as novas gerações perderam seus vínculos religiosos. Os pais falharam ao não executar a clara orientação sobre o compartilhamento e o ensino do amor ao Senhor, como único Deus aos seus filhos. Conforme está aludido no Salmos 145.4-6:

Uma geração contará à outra a grandiosidade dos teus feitos; eles anunciarão os teus atos poderosos. Proclamarão o glorioso esplendor da tua majestade, e meditarei nas maravilhas que fazes. Anunciarão o poder dos teus feitos temíveis, e eu falarei das tuas grandes obras (Sl 145.4-6).

Observa-se neste Salmo, um claro direcionamento para o compartilhar dos feitos de Deus para as novas gerações, a fim de que eles conheçam o Senhor e naturalmente desenvolvam sua fé. Uma geração conta a outra nova geração, devendo assim ser um relacionamento intergeracional entre pais e filhos, com o propósito da transmissão e continuidade do relacionamento de uma nova geração com Deus. Esse ensino precisa ser feito com persistência e que em diferentes versões das Escrituras encontra-se na palavra inculcar, “converse sobre elas quando estiver sentado em casa, quando estiver andando pelo caminho, quando se deitar e quando se levantar” (Dt 6. 7).

Notando os dados atuais apresentados em paralelo com as ordenanças bíblicas, pode-se afirmar que as atuais gerações têm falhado na transmissão e continuidade da cosmovisão bíblica, que fundamenta a crença, os valores e a fé, para as novas gerações. Essa falha torna-se um gatilho para desenvolver a prática do discipulado presente no ministério de Jesus, visto que se torna uma ferramenta para a transmissão e a continuidade da fé cristã.

2. O DISCIPULADO NO MINISTÉRIO DE JESUS E O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA FÉ

Quando se busca nas Escrituras uma ferramenta de ensino e formação da fé, tem-se um modelo muito claro e relacional apresentado e ensinado por Jesus. Em Mateus 28.19-20, lê-se uma ordem objetiva dada por Jesus aos seus discípulos: Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos (Mt 28.19-20).

Jesus veio à terra para apresentar o modelo e a referência perfeita de um viver para a glória de Deus, e antes de voltar ao Pai, ordena que seus ensinamentos sejam transmitidos a outros. O discípulo de Jesus possui uma missão muito clara: fazer discípulos. Mas antes de fazer discípulos, é necessário entender o que é discipulado na perspectiva de Jesus.

Brandão (2014, p. 56) apresenta uma definição etimológica do que é ser um discípulo: “mathetes”, no grego, quer dizer aluno, aprendiz, aquele que aprende, segue e se entrega ao ensino de alguém, que se assenta aos pés de um mestre para aprender com ele.

A palavra discípulo não foi inventada por Jesus, todo aquele que seguia um mestre e reproduzia seus passos era considerado um discípulo, isso pode ser observado, principalmente, na formação grega da época. Entretanto, é no ministério de Jesus que se observa a aplicação de forma prática do conceito de discipulado. Afinal, ele dedicou três anos de seu ministério à formação de doze discípulos e desejava que eles continuassem o seu ministério e transmitissem seus ensinamentos a outros.

Durante a Idade de Ouro da Grécia, o jovem Platão podia ser visto caminhando pelas ruas de Atenas em busca de seu mestre: o maltrapilho, descalço e brilhante Sócrates. Aqui, provavelmente, estava o início de um discipulado. Sócrates não escreveu livros. Seus alunos escutavam atentamente cada palavra que ele dizia e observavam tudo o que ele fazia, preparando-se para ensinar a outros. [...] Jesus usou relacionamento semelhante com os homens que ele treinou para difundir o Reino de Deus. Seus discípulos estiveram com ele dia e noite por três anos. Escutavam seus sermões e memorizavam seus ensinamentos. Viram-no viver a vida que ele ensinava (Phillips, 2013, p. 19).

Phillips vai afirmar, também, que “discípulo é o aluno que aprende as palavras, os atos e o estilo de vida de seu mestre com a finalidade de ensinar outros”, observa-

se que a estratégia de Jesus para multiplicar seus ensinamentos foi exatamente essa. Jesus orientou seus discípulos para que aprendessem a viver como ele viveu, sendo assim não caberia reproduzir, no discipulado de Jesus, ensinamentos e maneiras de viver que não fossem as que o próprio Cristo deixou como referência. Phillips (2013) apresenta uma definição do discipulado ensinado por Jesus da seguinte forma:

O discipulado cristão é um relacionamento de mestre e aluno baseado no modelo de Cristo e seus discípulos, no qual o mestre reproduz tão bem no aluno a plenitude da vida que tem em Cristo que o aluno é capaz de treinar outros para que ensinem outros (Phillips, 2013, p. 20).

No discipulado de Jesus, a referência será sempre Cristo, pois ele é o mestre. É a personalidade a ser referenciada, a partir de seus ensinamentos e ordenanças, isso requer viver da forma que ele viveu.

Entende-se a prática do discipulado como uma ferramenta formacional de valores cristãos, também como uma ferramenta de transmissão da fé cristã aos novos convertidos. Para que alguém seja capaz de transmitir ao outro um valor ou uma crença, ele precisa ser autêntico naquilo que diz viver e pensar, logo para levar outros a serem discípulos, existe um pré-requisito básico: ser um discípulo de Jesus.

Quando pensamos em relacionamentos discipuladores, pensamos na prática dessa mutualidade como geradora de verdadeira comunhão e edificação na vida da igreja. Walter Henrichsen nos diz: “Quando investimos nossas vidas em outras pessoas, transmitimos não somente o que sabemos, mas, o mais importante, o que somos”. Isso acontecerá quando nosso conceito de discipulado for mais amplo do que informação doutrinária. O discipulado também deve compreender o ensino vivencial dos valores do reino de Deus (Faria, 2022, p. 29).

Quando se amplia o cenário e aplica-se essa ferramenta ao contexto familiar, compreende-se que há uma oportunidade de aplicar o discipulado de Jesus na formação espiritual das novas gerações, a partir da educação cristã de filhos que ocorre pela transmissão da fé dos seus pais.

3. O DISCIPULADO DE JESUS APLICADO À FAMÍLIA

Faz-se necessário definir claramente qual o conceito de família que é utilizado como referência, visto que ele tem evoluído ao longo da história e do desenvolvimento das relações humanas. Entende-se, neste artigo, família como uma instituição criada por Deus e preservada pelo Estado. Predomina-se as famílias tradicionais nucleares, modelo majoritário presente no Novo Testamento, mas não se exclui as famílias com

outros arranjos, em que há a presença de uma figura paterna e uma figura materna, como referência na educação e transmissão da fé para as novas gerações.

A família desempenha um papel primordial na formação dos filhos, dados revelam que uma família que não transmite seus valores e crenças, está sujeita a não observar os mesmos princípios morais e a mesma fé nas gerações futuras. Um bom exemplo bíblico sobre este tema, está em 2 Timóteo 1.5: “Recordo-me da sua fé não fingida, que primeiro habitou em sua avó Lóide e em sua mãe Eunice, e estou convencido de que também habita em você”. O apóstolo Paulo destaca a formação espiritual de Timóteo, evidenciando a fé que ele possuía, mas recordando que a mesma fé também estava em sua mãe e em sua avó. Lopes (2019, p. 26) reforça que essa “fé não fingida, presente em Timóteo, já estava em sua terceira geração”, destacando a formação espiritual familiar vivenciada por Timóteo.

A Educação Cristã precisa ser parte da vida das famílias e da Igreja, e acontecer de maneira natural quando ministrada informalmente, e de forma criativa, interessante e motivadora quando direcionada para o alcance de um objetivo específico (Tuler, 2005, p. 202).

A família possui essa responsabilidade de formar a fé no coração de seus filhos, isso pode acontecer de forma natural e orgânica, transmitido de uma maneira informal, apresentando Cristo no dia a dia e na simplicidade, conforme se observa em Deuteronômio 6.7, mas também se tem essa responsabilidade descrita em outros textos do Antigo Testamento, como afirmado por Kostenberger:

Ao longo do Pentateuco, dos livros históricos do Antigo Testamento e dos salmos, encontramos a consciência de que pais e mães (especialmente pais) devem transmitir sua herança religiosa aos filhos e filhas com zelo e cuidado, visto que desde os primórdios das civilizações patriarcais [...] (Kostenberger, 2015, p. 98).

Há uma clara ordenação de Deus atribuída aos pais para que transmitam aos filhos a fé por meio do compartilhamento de quem Deus é e do que fez e faz. Evidentemente que esses textos, principalmente Deuteronômio 6.4-9, se dão em um contexto de tradição hebraica, mas permanecem presentes na tradição cristã e na aplicação nas famílias contemporâneas. Coleman (2008, p. 135), discorre brevemente sobre essa dinâmica familiar presente no contexto bíblico do Antigo Testamento:

No início da história de Israel, os pais eram os mestres de seus filhos. E ao que parece, eles levavam muito a sério sua tarefa de transmitir-lhes os

ensinamentos básicos de sua fé, bem como os rudimentos de seu ofício. E para os pais isso era um ponto de honra, pois se sentiriam ultrajados se eles crescessem ignorantes (Coleman, 2008, p. 135).

Através desta afirmação de Coleman, é possível traçar um paralelo entre Jesus e seus discípulos, e o pai e seus filhos. Ambos os mestres, procuram transmitir aos seus seguidores seus ensinamentos, seus valores, e em contexto cristão, sua fé, formando no outro aquilo que eles mesmos vivem.

Outro ponto crucial a se destacar, que é evidenciado tanto em Deuteronômio quanto nos evangelhos, é que a transmissão de fé é processual e contínua, e por isso se faz necessário que seja vivencial, informal e orgânica:

A maior parte do ensinamento era transmitida a partir das situações normais da vida. Eles aproveitavam as festas religiosas para ensinar. Narravam as histórias que seus pais lhes haviam contado. E, em muitos casos, ilustravam seus ensinamentos no próprio trabalho, do pai ao filho, da mãe à filha. Depois que passaram a ter acesso às escrituras, eles liam e discutiam também como forma de ensino (Coleman, 2008, p. 135).

Kostenbeger (2015, pg. 99) complementa:

A vontade manifesta de Deus para o povo de Israel ainda é a vontade de Deus para o povo da igreja nos dias de hoje. Os pais cristãos têm a incumbência e séria obrigação de transmitir sua herança religiosa aos filhos. Essa herança gira em torno da experiência pessoal de livramento divino do pecado, da revelação de Deus em Jesus Cristo e da morte de Cristo por nós na Cruz. Os pais cristãos devem aproveitar todas as oportunidades de tratar com seus filhos dessas questões fundamentais e passar a eles gratidão pessoal por aquilo que Deus Fez (Kostenberger, 2015, p. 99).

Torna-se clara a incumbência dos pais em relação à formação espiritual de seus filhos, principalmente na transmissão da fé. Aliada a essa responsabilidade Tripp (1998, p. 37) afirma que “ser um modelo para os filhos é a maneira mais segura de ensiná-los a aplicar as verdades de Deus às circunstâncias de vida”. Presume-se, então, que não há modelo mais seguro para os pais transmitirem as verdades bíblicas aos filhos, do que eles serem autênticos discípulos de Jesus. E que para tal, não basta simplesmente uma educação cristã por meio de uma agenda religiosa, mas sim de uma vivência que sirva como referência padrão para a vivência dos filhos.

Os pais que esperam que seus filhos sigam seus padrões pelo exemplo que dão, mas não os educam, [...] Pais cristãos podem enganar-se ao pensarem que por exporem seu filho a uma igreja ou a uma escola cristã não haverá necessidade de uma educação pessoal. Embora uma igreja que ensine a Bíblia e uma boa escola cristã possam ajudar os pais, elas não os substituem para educarem seus próprios filhos. É necessário que os pais eduquem seus

filhos em obediência e respeito pela autoridade antes que a igreja ou a escola possam ser realmente efetivas (Fugate, 2014, p. 104).

Urge que os pais abandonem a postura atual de omissão, a qual os fazem negligenciar a educação e a formação espiritual de seus filhos, e assumam seus papéis e responsabilidades atribuídos por Deus na transmissão da fé, por meio do compartilhamento dos feitos do Senhor. Para que sejam para seus filhos uma referência de um padrão estabelecido por Jesus por meio do discipulado.

Sales e Gusso (2023, p. 138) afirmam: “A principal responsabilidade dos pais é ensinar aos filhos os princípios da Bíblia. Nenhuma outra atividade, por mais valiosa que seja, pode substituir este compromisso espiritual, que impacta o crescimento e as crenças de sua descendência”. Que os pais, enquanto autênticos discípulos de Cristo, estejam aptos a formar em seus filhos uma fé que os conduza a ser como Jesus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que a participação dos pais é indispensável na transmissão de valores e crenças religiosas para seus filhos, sendo a família o ambiente crucial para o desenvolvimento da fé; e o discipulado vivencial e relacional como o de Jesus é a ferramenta para essa missão.

Mesmo que os pais tenham negligenciado essa função, propondo essa responsabilidade para escolas e igrejas, se faz necessário situar esse papel à família na figura paterna. A realidade permanece grave, pois pesquisas indicam que muitos jovens, criados em lares religiosos, acabam se afastando das tradições de fé ao atingirem a juventude. Assim, a necessidade de um discipulado ativo por parte dos pais é evidente, uma vez que esta prática pode ser a chave para a formação de uma fé resiliente nas novas gerações.

O modelo de discipulado estabelecido por Jesus é uma abordagem efetiva para a educação espiritual em lares cristãos, onde pais compartilham os ensinamentos de Deus, formando laços que fortalecem a fé nos filhos. Ao comunicar as obras de Deus e os preceitos bíblicos de forma persistente, os pais podem cultivar um ambiente propício para que seus filhos desenvolvam um relacionamento profundo com Deus. Essa interação não apenas mantém as tradições religiosas, mas também enriquece a vivência da fé na vida cotidiana.

É imperativo que os pais não negligenciem sua responsabilidade no discipulado espiritual. Ser um modelo de fé, como exemplificado por Cristo, é fundamental para

assegurar que as próximas gerações continuem a viver os valores cristãos. O compromisso dos pais de educar seus filhos na fé e nos princípios bíblicos não pode ser substituído por nenhuma instituição. Essa formação espiritual é essencial para que os filhos não apenas herdem uma identidade cristã, mas também se tornem discípulos autênticos de Jesus, que vivam e compartilhem a fé em suas vidas diárias.

Cabe ainda ampliar essa discussão para uma análise de como os pais podem discipular seus filhos diante do novo contexto social digitalizado e muitas vezes individualizado, mesmo no contexto familiar. A missão é urgente, mas os desafios são grandes.

REFERÊNCIAS

Bíblia Sagrada. Nova Versão Internacional: Antigo e Novo Testamentos. Traduzida pela comissão de tradução da Sociedade Bíblica Internacional. 2 ed. com concordância. 2ª reimpressão. São Paulo: Vida, 2014.

BRANDÃO, Fernando. **Igreja multiplicadora: 5 Princípios bíblicos para crescimento.** Rio de Janeiro: Convicção, 2014

CAMBOIM, A.; RIQUE, J. **Religiosidade e espiritualidade de adolescentes e jovens adultos.** Revista Brasileira de História das Religiões, v. 3, n. 7, 11, maio, 2010.

COLEMAN, Willian L. **Manual dos tempos e costumes bíblicos.** 2.ed. Curitiba: Betânia, 2017.

EARLS, Aaron. Most Teenagers Drop Out of Church When They Become Young Adults. **Life Way Research.** 15 de janeiro de 2019. Disponível em: <<https://research.lifeway.com/2019/01/15/most-teenagers-drop-out-of-church-as-young-adults/>>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2025.

FARIA, Thiago. **A igreja que faz discípulos: Construa o modelo de discipulado que você sonha para a sua igreja.** São Paulo: Vida, 2022

FUGATE, J. Richard. **O que a Bíblia diz sobre educação de filhos**. Boituva: LMS, 2014.

KINNAMAN, David.; MATLICK, Mark. **Pandemia retira jovens da Igreja**. Instituto Humanista Inisinos. 16 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/603806-pandemia-retira-jovens-das-igrejas>>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2025.

KOSTENBERGER, Andreas J.; JONES, David W. **Deus, casamento e família: reconstruindo o fundamento bíblico**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2015.

LOPES, Hernandes Dias. **2 Timóteo: o testamento de Paulo à igreja**. São Paulo: Hagnos, 2019.

MOODY, Dwight Lyman (Org.). **Comentário bíblico Moody: Gênesis à Malaquias (Volume 1)**. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 2017.

PHILLIPS, Keith. **A formação de um discípulo**. São Paulo: Vida, 2013.

SALES, Roberto Martins; GUSSO, Sandra de Fátima Krüger. **EDUCAÇÃO CRISTÃ NO CONTEXTO FAMILIAR E OS DESAFIOS DA FAMÍLIA CRISTÃ NA MODERNIDADE**. **VIA TEOLÓGICA**, [S. I.], v. 24, n. 48, 2024. Disponível em: <https://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/363>. Acesso em: 11 fev. 2025.

TRIPP, Tedd. **Pastoreando o coração da criança**. São José dos Campos: Fiel, 1998.

TULER, Marcos Antônio. **Ensino participativo na escola dominical: uma nova perspectiva para a docência cristã**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.